



FRATURA PROXIMAL DE PRIMEIRA FALANGE EM MEMBRO TORÁCICO DIREITO EM EQUINO: RELATO DE CASO

JOSÉ OTÁVIO PUPIM DOS SANTOS; GIOVANA MILENA FERRARINI; RODRIGO ROLIM DUARTE

RESUMO

As fraturas de falange são comuns no mundo equestre, necessitando de diagnóstico ágil e preciso para eliminar com rapidez os diversos sintomas diferenciais que a dor na extremidade dos membros pode apresentar, além disso são um grande desafio veterinário, devido às condições da espécie relacionada, como tamanho, peso e temperamento. Exames complementares são de extrema importância para a determinação de tais afecções, principalmente as técnicas radiográficas, as quais são as mais utilizadas para confirmação da suspeita clínica. O presente trabalho visa relatar um caso atendido no Equine Hospital de um equino com uma fragmentação proximal de primeira falange, seguido por tratamento cirúrgico com a utilização de parafusos para fixação óssea e tratamento medicamentoso, com antibioticoterapia e analgesia até a alta do paciente.

Palavras-chave: Claudicação; ortopedia equina; atividade atlética.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Ramanathan (2008), fraturas de falange são relativamente comuns em equinos e devem ser consideradas como um dos maiores diferenciais no diagnóstico de dor aguda associada aos membros. Não apresentam predisposição por raça, sexo ou idade, podendo acometer de potros muito jovens à animais idosos. Os principais sinais clínicos são: dor súbita e claudicação moderada a severa; aumento da temperatura do casco e da região das falanges, podendo aumentar o pulso das artérias digitais.

As fraturas de falange ocorrem com maior frequência nos membros posteriores de equinos, devido a maior sustentação de peso do animal. Esse tipo de fratura vem acometendo mais cavalos da raça Quarto de Milha, devido aos tipos de atividades exercidas pelos mesmos, as quais envolvem paradas abruptas, sozinhas ou em conjunto com curvas bruscas, fazendo com que essa possa ser a principal causa de lesão, devido a força de flexão e torção geradas no interior do dígito. Contudo, são mais evidentes em cavalos que desenvolvem atividades do tipo western, utilizados para trabalhos de apartação de gado, provas de laço, tambor, rédeas e baliza. Embora tenha maior prevalência em membros posteriores, também pode acometer os membros anteriores (STASHAK; 2006).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Chegou ao hospital veterinário um equino, macho de 7 anos apresentando claudicação severa no membro torácico direito. Na anamnese foi relatado pelo responsável que o animal começou a claudicar durante um treino de Team Roping, logo após a finalização de uma laçada. Durante a realização do exame físico, o mesmo apresentou dor aguda durante a palpação da região lesionada e um grande incômodo na movimentação do membro. Para uma avaliação mais aprofundada foi utilizado o exame complementar de raio X, nele identificou-se uma fratura proximal de primeira falange no membro torácico direito.

Figura 1: Fratura completa proximal em primeira falange. Disponibilizado por Equine Hospital Maringá.



O exame foi feito pela técnica de incidência médio-lateral e latero-medial, 70 KV x 30, mas, obtendo assim uma melhor qualidade de imagem para identificação do segmento ósseo fraturado.

O tratamento constituiu em cirurgia com tricotomia da coroa do casco até aproximadamente a região dos ossos do carpo, lavagem do membro utilizando iodo degermante e água. O procedimento teve início com novas radiografias para a identificação da fratura e avaliação da técnica e dos instrumentos utilizados no procedimento.

Após a assepsia realizou-se uma incisão na região e a perfuração do fragmento ósseo fraturado (**figura 2**). Em seguida colocou-se o primeiro parafuso ortopédico de 45mm e realizada a segunda perfuração no fragmento (**figura 3**), logo depois foi colocado o segundo parafuso de 55mm para uma melhor fixação do fragmento ósseo (**figura 4**).

Figura 2 e 3: Radiografias de perfuração do fragmento e colocação do parafuso de 45mm.

Disponibilizado por Equine Hospital Maringá.

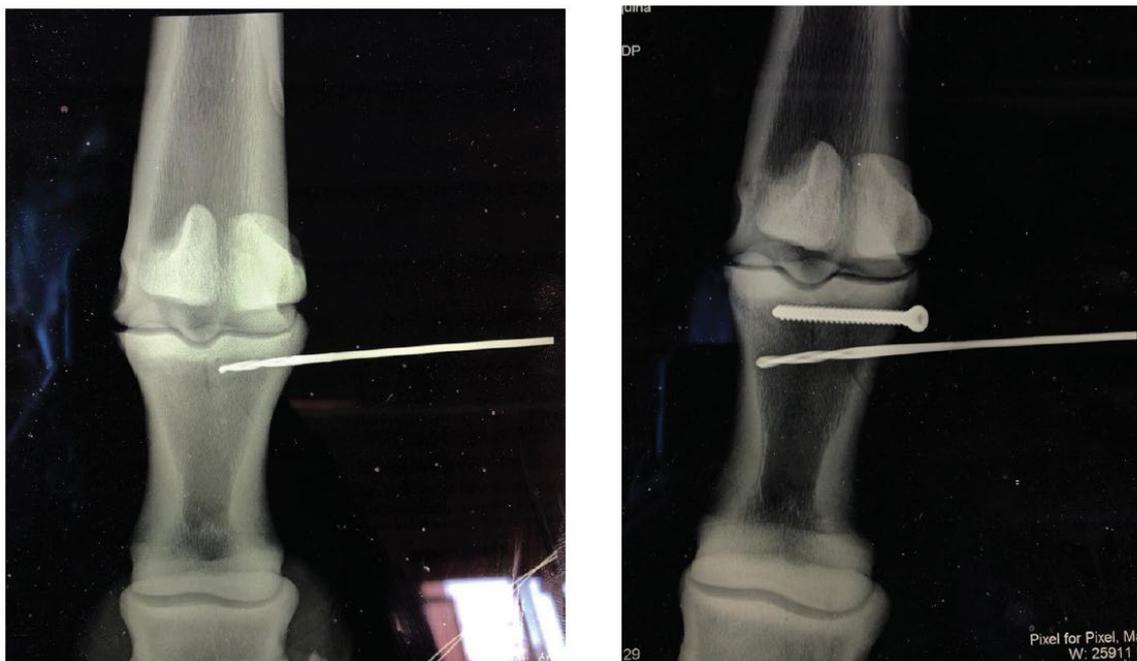


Figura 4: Radiografia de primeira falange com dois parafusos ortopédicos fixando o fragmento. Disponibilizado por Equine Hospital Maringá.



Posteriormente curativos e gessos foram feitos no local incidido, do qual fixou-se desde a parte medial do 3º metacarpo até a base do casco do animal, fazendo com que a região fraturada ficasse imobilizada para uma melhor fixação do fragmento devido ao fato do local envolver uma região articular, obtendo um prognóstico mais favorável. Retirou-se o gesso em um período de 20

dias, mantendo a limpeza diária do local, devido a algumas escaras que surgiram do contato do gesso com a tecido cutâneo, a limpeza era realizada com água, iodo degermante e iodo tópico.

Em vista de todo o procedimento cirúrgico empregou-se um protocolo medicamentoso, composto por 15 ml de Fenilbutazona 2,5mg, IV, SID durante um período de 3 dias; 20 ml de Minoxel Plus^o, IV, BID durante 5 dias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sinais clínicos relacionados às fraturas de primeira falange possuem uma grande variação. Entretanto, o paciente ocasionalmente apresenta uma claudicação aguda grave no membro afetado. A palpação da área afetada gera um reflexo de dor e possível movimentação de fragmentos sob a pele, a flexão do boleto ou da falange e a rotação falangiana são dolorosas de acordo com o quadro apresentado (AUER, 2008). No relato, durante o exame clínico, o animal apresentava claudicação grau 4, considerada claudicação severa segundo a Associação Americana da escala da claudicação dos praticantes equinos AAEP (1991) que vai de 1-5.

Algumas complicações podem alavancar o fracasso do tratamento, entre elas temos: infecção, úlcera provocada por gesso, falha óssea ou do implante, afrouxamento do implante e laminite tanto no membro acometido como no membro contralateral (FURST; et al. 2011). No caso o animal apresentou escaras após a utilização do gesso, as quais foram devidamente tratadas.

O prognóstico é variável dependendo do grau da fratura, animais com um bom prognóstico podem se tornarem úteis para reprodução ou serem aposentados no pasto. Em alguns casos, os cavalos podem retornar ao seu desempenho atlético, geralmente com um desempenho e uma desenvoltura diminuída devido ao acometimento do membro (DESCONTO; 2010). O animal do caso apresentou um prognóstico favorável, após a alta o mesmo ficará cerca de seis a oito meses em repouso, podendo retornar a algumas atividades leves posteriormente a esse período.

4. CONCLUSÃO

Fraturas são enfermidades recorrentes em equinos destinados ao esporte, principalmente aos relacionados a atividades de western, as quais requerem um esforço incomum a esses animais. Em alguns casos é necessária uma conduta mais invasiva para correção de tais afecções, sendo fundamental a intervenção cirúrgica com a utilização de parafusos, placas, pinos e outras ferramentas ortopédicas, em busca de um prognóstico favorável ao animal. De tal maneira, o início do tratamento deve ser imediato ao diagnóstico quando possível, aumentando assim as chances de um bom prognóstico.

REFERÊNCIAS

AUER, J. Fracture management in the hoof. In: SOUTHERN EUROPEAN VETERINARY CONFERENCE, 3., 2008, Barcelona. Proceedings... Barcelona: **Southern European Veterinary Conference**, 2008.

DESCONTO, Ivan et al. Ferrageamento e exercício espontâneo visando ao tratamento de fraturas de falange distal em equinos. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 8, n. 3, p. 353-357, 2010.

FURST AE. Emergency treatment and transportation of equine fracture patients. In: Auer J,

Stick, J. Equine Surgery. Missouri: **Saunders Elsevier**, 2011. p. 1015- 1024.

RAMANATHAN, B. How to manage fracture of distal phalanx with a therapeutic shoe. In: **INTERNATIONAL CONGRESS OF WORLD EQUINE VETERINARY ASSOCIATION**, 10., 2008. Moscow. Proceedings. Moscow: International Congress of World Equine Veterinary Association, 2008. p. 551-553.

STASHAK TS. Claudicação em equino Segundo Adams. 5a ed. Rio de Janeiro: **Inter-Roca**, 2006. 1264 p